

# Música

## Músico italiano, inspiração brasileira

Stefano Di Battista nasceu na Itália, fez sucesso na França, rodou o mundo e encontrou uma de suas paixões no Brasil: a bossa nova

Por José Henrique Lopes Fotos: Divulgação



Embora tenha se iniciado na Itália no ano de 1969, a história do saxofonista Stefano Di Battista se desenrola em capítulos internacionais. Foi na França que ele despontou para uma carreira hoje considerada das mais brilhantes e importantes do jazz europeu. Sua música, por outro lado, é fortemente influenciada por artistas dos Estados Unidos. Um dos primeiros encontros que teve com esse estilo musical, ainda na adolescência, se deu por meio da obra do também saxofonista Art Pepper, estrela do jazz norte-americano. Mas nenhuma outra parte do mundo, porém, o encanta tanto como o Brasil. Aos 38 anos, o saxofonista faz questão de declarar, sempre que pode, a admiração e o respeito que mantém pela música produzida aqui, com atenção e carinho especiais para a bossa nova. Além disso, é fã assumido do cantor carioca Ivan Lins, amigo que conheceu em Roma há cerca de cinco anos. Tanto que uma das canções de *Trouble Shootin*, seu último álbum, lançado no segundo semestre do ano passado, contém uma música composta para Ivan Lins. *Echoes of Brazil* (Ecos do Brasil) foi pensada especialmente para que o brasileiro a cantasse. A esperada parceria, entretanto, ainda não chegou aos palcos. Nem durante as duas visitas que Battista fez ao Brasil no ano passado. Em maio, ele desembarcou para uma curta turnê que passou por Brasília, Curitiba e São Paulo. No fim de outubro, acompanhado por um conjunto de três músicos, retornou ao país para se apresentar no Tim Festival. Com shows no Rio de Janeiro e novamente na capital paulista, apresentou aos fãs justamente faixas do último disco, lançado pouco antes de sua viagem ao Brasil.

Fã e amigo de Ivan Lins, Battista compôs uma música homenageando o brasileiro

### Uma descoberta acidental

Nascido em Roma, o saxofonista tomou contato com o jazz bastante cedo. As primeiras descobertas ocorreram aos 13 anos, quando um amigo de seu pai deu a ele um saxofone e disse, sem qualquer cerimônia: "toque, apenas toque". Na ocasião, o menino fazia parte de um grupo musical formado por crianças do bairro em que vivia. Após as primeiras experiências, o acaso foi se transformando em interesse e curiosidade pela música. Battista mergulhou nos estudos. E, para colocar em prática o que aprendia, formou uma banda.

Três anos mais tarde, o que era um hobby foi convertido definitivamente em paixão. Descobriu discos de grandes nomes da história do jazz, como Charlie Parker, Kenny Garret e Michael Brecker. Cada vez mais, Battista sentia vontade de aprimorar um dom que havia descoberto de maneira acidental. Pouco tempo depois, já estava em um conservatório, onde se dedicava à tradição clássica do saxofone. O diploma, como tudo em sua vida, veio cedo, logo aos 21 anos. E com notas máximas e um desempenho exemplar. Nessa fase, aliás, que Battista conheceu aquele que seria seu grande mestre: o saxofonista italiano Massimo Urbani. Os rumos de sua trajetória começaram a mudar quando, em 1992, Battista participou do Calvi Jazz Festival, um dos mais importantes eventos musicais de seu país. Foi naquela ocasião que pôde conhecer os artistas que o levariam a Paris e seriam os responsáveis por impulsionar, de vez, uma carreira que ainda arriscava seus primeiros passos.



O saxofonista tocou no Tim Festival de 2006, acompanhado de sua banda